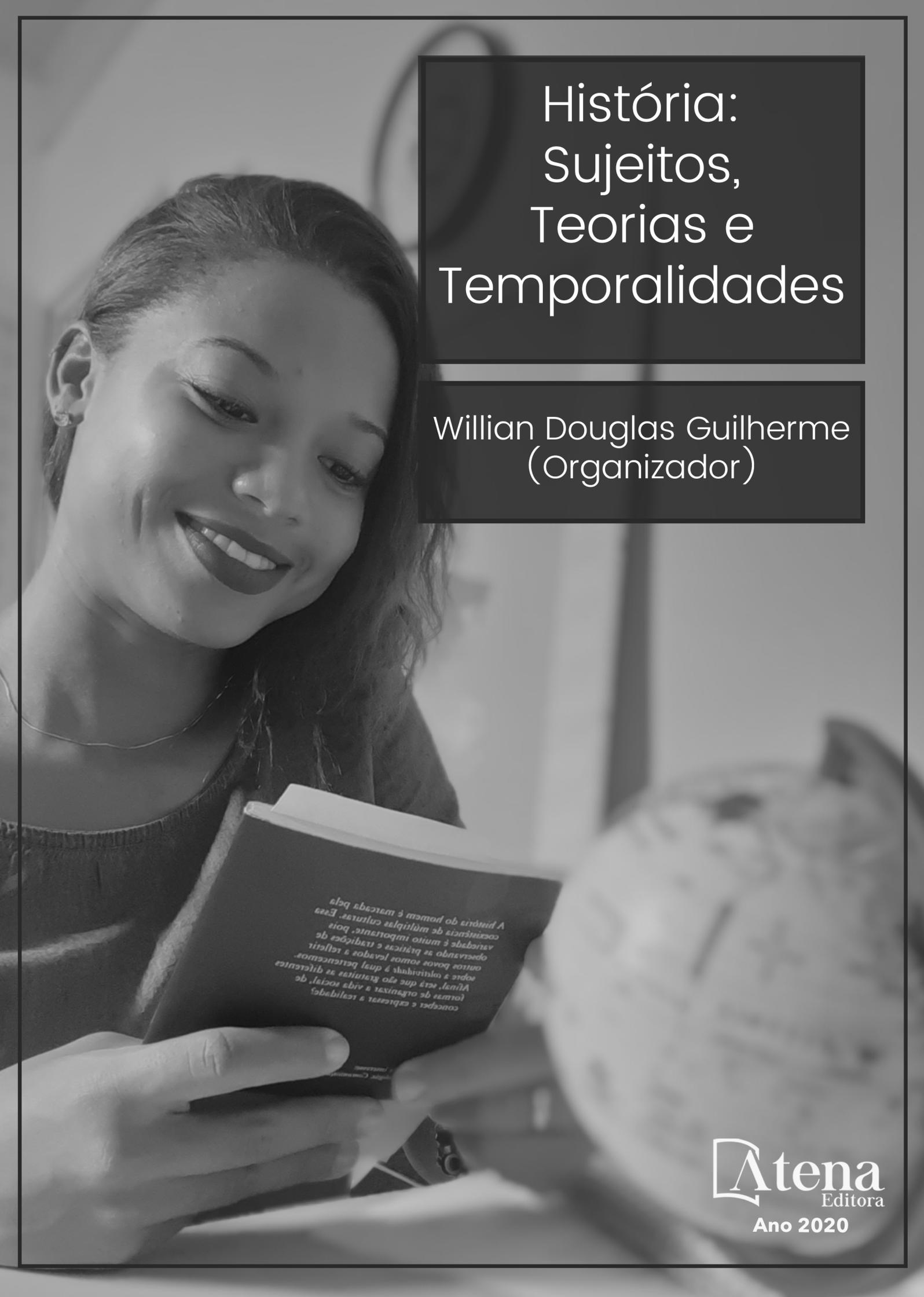


# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

A história do homem é marcada pela  
consciência de múltiplas culturas. Essa  
avaliação é muito importante, pois  
operando as bases e tradições de  
outros povos, somos levados a refletir  
sobre a construção de uma identidade  
única, que não exclua as diferenças  
locais de organizar a vida social, de  
conceber e explicar a realidade.

**Atena**  
Editora  
Ano 2020



# História: Sujeitos, Teorias e Temporalidades

Willian Douglas Guilherme  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
H673	<p>História [recurso eletrônico] : sujeitos, teorias e temporalidades / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF            Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader            Modo de acesso: World Wide Web            Inclui bibliografia.            ISBN 978-65-5706-154-1            DOI 10.22533/at.ed.541200107</p> <p>1. História – Pesquisa – Brasil. 2. Historiografia. I. Guilherme, Willian Douglas.</p> <p style="text-align: right;">CDD 907.2</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

No e-book “História Sujeitos, Teorias e Temporalidades”, foram reunidos quinze artigos que fazem um debate historiográfico em torno dos sujeitos, teorias e temporalidades. Os artigos foram dispostos em cinco grupos.

No grupo um, são três artigos. O primeiro, trazendo um novo olhar sobre a colonização da então capitania de Minas Gerais no século XVIII. O segundo, discute a Lei de Terras em 1850, transitando entre as famílias ricas e pobres. O terceiro, fala sobre o movimento integracionista europeu a partir da segunda metade do século XX.

No grupo dois, os artigos discutem o sofrimento em Nietzsche, o sujeito moderno em Voltaire e o papel da memória como fonte para a história.

No terceiro grupo, são quatro artigos. O primeiro apresenta a investigação baseada na obra de Gustavo Barroso e propõe um estudo dos termos patriotismo e nacionalismo. O segundo texto traz uma reflexão sobre educação patrimonial tendo como su eito, inusitadamente, o Exército Brasileiro. O terceiro, ressalta a atuação do ex-Senador Eduardo Suplicy com referência aos temas cidadania e Programa de Garantia de Renda Mínima. Por fim, são trazidas as influências sofridas por Sérgio Buarque de Holanda em parte de suas obras.

Para o quarto grupo iniciamos com um estudo baseado nos diários de campo de Frederick Starr em suas viagens comerciais ao Congo nos anos de 1905 e 1906. Seguimos com um interessante estudo que entrelaça religiosidade e Marco (Colonial) de Touros, de 1501, localizado no Rio Grande do Norte. Fechando este grupo, um estudo de caso realizado entre os anos de 2012 e 2014, na cidade Cachoeira da Serra/PA, demonstrando o avanço da “contra-reforma-agrária” sobre a Amazônia.

O quinto grupo fechamos com dois artigos. Iniciando com um texto provocante sobre os lugares de sociabilidade em Recife na segunda metade do século XIX. E fechando o quinto grupo e a obra, é apresentada a Companhia Têxtil Brasil Industrial, então localizada na cidade de Paracambi/RJ e sua importância para a história da cidade e do Brasil.

Desejo boa leitura a todos!

Willian Douglas Guilherme

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FACE OCULTA DA COLONIZAÇÃO: MEDIDAS DE CONTENÇÃO À MISCIGENAÇÃO NA CAPITANIA DE MINAS GERAIS (1719-1732)	
<a href="#">Hilton César de Oliveira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001071</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>12</b>
A LEI DE TERRAS DE 1850 NO CENTRO DA DISCUSSÃO: UM ELO COERCITIVO SOBRE AS FAMÍLIAS LIVRES E POBRES	
<a href="#">Leandro Neves Diniz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001072</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>23</b>
A INTEGRAÇÃO EM DISPUTA: MOVIMENTO HISTÓRICO E PERSPECTIVAS SOBRE O PROCESSO INTEGRACIONISTA EUROPEU	
<a href="#">Daniel Wanderley Caliman</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001073</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>35</b>
O PROBLEMA DO SOFRIMENTO EM NIETZSCHE	
<a href="#">Gabriela Ferraz Costa</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001074</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
O SUJEITO MODERNO EM VOLTAIRE	
<a href="#">Dagmar Manieri</a>	
<a href="#">Elias Rocha Rodrigues</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001075</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>58</b>
TEMPO, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO: REFLEXÕES SOBRE AIMÉ BOMPLAND	
<a href="#">Alessandra da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001076</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>64</b>
PERSONIFICAR A NAÇÃO – NARRATIVA HISTÓRICA E ESCRITA BIOGRÁFICA EM GUSTAVO BARROSO	
<a href="#">Erika Morais Cerqueira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001077</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
REFLEXÕES SOBRE OS LUGARES DE MEMÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: AS INICIATIVAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO	
<a href="#">Ivan de Freitas Vasconcelos Junior</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001078</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>86</b>
A CIDADANIA E O PROGRAMA DE GARANTIA DE RENDA MÍNIMA: AS IDEIAS DO SENADOR INTELECTUAL EDUARDO SUPLICY (1990-2006)	
<a href="#">Glauber Eduardo Ribeiro Cruz</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5412001079</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>96</b>
SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: ENTRE O HISTORICISMO ALEMÃO E OS ANNALES	
<a href="#">André Augusto Abreu Villela</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010710</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>113</b>
COMÉRCIO, CONHECIMENTO E CULTURA: AS SOCIEDADES CENTRO-AFRICANAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX A PARTIR DOS TESTEMUNHOS DE FREDERICK STARR	
<a href="#">Paulo Roberto Firmino Marques</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010711</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>126</b>
O MARCO DE TOUROS: UM SÍMBOLO DA RELIGIOSIDADE POPULAR	
<a href="#">José Willians Simplício da Silva</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010712</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>141</b>
TERRITORIALIDADE, IDENTIDADE E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS NO SUDOESTE PARAENSE	
<a href="#">Karina Andréa Tarca</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010713</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>154</b>
RESTAURANTES E CAFÉS: OS LUGARES DE SOCIABILIDADES E GASTRONOMIA NO RECIFE DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX	
<a href="#">Eliza Brito Santos</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010714</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
UMA PROPOSTA PARA A PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO INDUSTRIAL DA <i>COMPANHIA TÊXTIL BRASIL INDUSTRIAL</i> EM PARACAMBI - RJ	
<a href="#">Angelissa Tatyane de Azevedo Silva</a>	
<a href="#">Davi Pereira Romeiro Neto</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.54120010715</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>184</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>185</b>

## O SUJEITO MODERNO EM VOLTAIRE

Data de aceite: 01/06/2020

Data de Submissão: 29/04/2020

### Dagmar Manieri

Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Curso  
de História (Araguaína)  
Araguaína (Tocantins - TO)  
<http://lattes.cnpq.br/0328674543484561>

### Elias Rocha Rodrigues

Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Curso  
de História (Araguaína)  
Araguaína (Tocantins - TO)  
<http://lattes.cnpq.br/4027293858504089>

**RESUMO:** O objetivo desse texto é empreender um estudo do pensamento de Voltaire com o objetivo de configurar a representação do sujeito moderno. Intelectual polêmico e considerado um dos fundadores do Iluminismo, Voltaire através de seus escritos apreende com um sentido positivo o novo modelo social propugnado pela burguesia ascendente. Tal modelo implica na formação da sociedade civil em um regime de liberdade, promovendo uma renovada representação do sujeito, concebido como um ser de razão e interpretado em um espaço social de liberdade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Iluminismo; Voltaire;

tolerância religiosa; sociedade civil; razão.

### THE MODERN SUBJECT IN VOLTAIRE

**ABSTRACT:** The purpose of this text is to undertake a study of Voltaire's thought in order to configure the representation of the modern subject. Controversial intellectual and considered one of the founders of the Enlightenment, Voltaire through his writings apprehends with a positive sense the new social model advocated by the rising bourgeoisie. Such a model implies the formation of civil society in a regime of freedom, promoting a renewed representation of the subject, conceived as a being of reason and interpreted in a social space of freedom.

**KEYWORDS:** Enlightenment; Voltaire; religious tolerance; civil society; reason.

### 1 | INTRODUÇÃO

Se no Renascimento houve algumas dificuldades para se erigir uma representação positiva em torno do homem, já na era das Luzes isto se efetiva com sucesso. De verdade, os Iluministas configuram uma nova imagem do homem que servirá de fundamento para a modernidade. Aqui, abordaremos um pensador que contribuiu, de forma decisiva,

para a gênese do homem moderno: Voltaire. Não podemos deixar de ressaltar - ao nos referirmos sobre a nova representação sobre o homem - da presença da burguesia como classe social em ascensão. Aqui se pode localizar uma das carências do Renascimento. Foi a partir do século XVII que a burguesia se faz presente como classe social hegemônica; ela realiza a emancipação política e promove seus valores para os vários segmentos sociais. Lawrence Stone ressalta que no século XVII inglês, houve um “deslocamento e perturbação experimentados por quase todos os setores da sociedade” (STONE, 2000, p. 196). O que o historiador indica, historicamente, como “crise de confiança”, de um ponto de vista sociológico implica em reconhecer que ocorreu uma diferenciação social com o incremento das novas formas de capital. Dessa forma, as denominadas revoluções burguesas dos séculos XVII e XVIII inauguram uma nova etapa da formação do Estado, bem como na configuração de um novo modelo societário.

Mesmo com o cuidado de não se ingressar no reducionismo, pode-se afirmar que em Voltaire verifica-se a presença (na forma de um subtexto) da visão de mundo da burguesia. Não seria um equívoco associar suas ideias à hegemonia que a própria burguesia erige em seu percurso como classe dominante; relação complexa, mas que necessita estar sempre presente. Em caso contrário, as ideias (ou representações) adquirem um nível por demais abstrato. Kant é um dos fundadores do liberalismo político; já Voltaire é considerado por muitos intérpretes como um pensador relacionado à nova mentalidade burguesa. Quando Marx nomeia um intelectual que defende as causas burguesas, utiliza o termo “voltairiano”. Voltaire esteve exilado na Inglaterra de 1726 a 1728; se lermos suas *Cartas filosóficas* pode-se constatar seu apreço pelo novo regime inglês (burguês) político do pós-1688.

Assim como verificamos com John Locke, Kant e Voltaire erigem uma nova representação sobre o homem moderno. Grande inovação para a história das representações, pois desde os gregos antigos não tínhamos uma positividade da condição humana. Agora, com o Iluminismo o homem pode abandonar a cosmovisão religiosa e inaugurar uma nova era na qual, provavelmente, ainda pertencemos.

## 2 | O HOMEM TOLERANTE DE VOLTAIRE

O *Tratado sobre a tolerância* de Voltaire nasce de um caso judiciário que se tornou famoso na França do século XVIII. Em fins de 1761, na residência de um comerciante de tecidos em Toulouse, Jean Calas, ocorre a morte de seu filho mais velho, Marc-Antoine. A família era calvinista e Marc-Antoine, segundo a vizinhança, havia se convertido ao catolicismo. O caso logo toma proporções religiosas com a versão popular de um complô calvinista contra a Igreja Católica. René Pomeau na Introdução do *Tratado sobre a tolerância* comenta que a “versão da rua” parece convincente ao magistrado, bem como ao chefe de polícia: “Cerca de meia-noite, encarcera na prisão do Capitole todas as pessoas

da casa (...)" (VOLTAIRE, 2000, p. XIII). Em 9 de maio de 1762, Jean Calas é condenado a ser "quebrado vivo". Os integrantes da família aguardam o julgamento na prisão. É neste instante que através de um negociante marseilhês (Dominique Audibert), juntamente com seus amigos, que Voltaire é informado do caso. Assim, desde 1763, o texto do Iluminista francês sobre a tolerância já circula clandestinamente pela França.

O que se presencia no *Tratado sobre a tolerância* é uma defesa do pluralismo religioso. Em sua estadia na Inglaterra, Voltaire havia presenciado a liberdade de culto e tinha concluído que a paz social não era incompatível com a liberdade religiosa. Ao comentar sobre alguns governantes da Europa, ele se expressa, desta forma:

O tempo, a razão que faz tantos progressos, os bons livros, a mansuetude da sociedade não penetraram nos que conduzem o espírito desses povos? E não percebemos que quase toda a Europa mudou de face de uns cinquenta anos para cá? (Ibid., p. 22).

O que se verifica nesta passagem é um acentuado senso histórico. Em nome da razão, Voltaire advoga uma nova fase histórica. A tendência que observa parece correta: "Por toda a parte o governo se fortaleceu, enquanto os costumes abrandaram" (Ibid., p. 22). Ele tece elogios a alguns países (ou "regiões") como Alemanha, Inglaterra e Holanda. Comenta que no passado se derramou muito sangue nesses locais; "hoje, no entanto, a diferença das religiões não causa nenhum problema nesses Estados (...)" (Idem).

Essa é a tese que Voltaire advoga: a tolerância (religiosa) é um elemento que provoca a paz social. Nas *Cartas filosóficas*, ele dá o exemplo da Inglaterra (Carta VI); segundo ele, neste país as várias religiões convivem de forma pacífica. Com um tom irônico, descreve a Bolsa de Valores de Londres que, para ele, se transformou em um local mais respeitável que muitas Cortes europeias:

Ali, o judeu, o maometano e o cristão tratam um com o outro como se fossem da mesma religião e atribuem epíteto de infiéis apenas aos que vão à bancarrota; ali, o presbiteriano confia no anabatista e o anglicano recebe a promessa do quacre. (Voltaire, 2007b, p. 24).

Assim, o ambiente da Bolsa de Londres é descrito como "reuniões pacíficas e livres". O pluralismo religioso é concebido segundo a mesma lógica que a divisão de poderes em Montesquieu, ou seja, entendida como algo benéfico, saudável. No exemplo de Voltaire, a divisão de visões de mundo religiosas é interpretada como algo positivo: "Se houvesse na Inglaterra apenas uma religião, seu despotismo seria terrível; se houvesse apenas duas, elas se degolariam; mas existem trinta e elas vivem em paz e felizes" (Ibid., p. 25).

Em síntese, há em Voltaire o nascimento do próprio mundo burguês com a sociedade civil e o indivíduo juridicamente livre. Outro exemplo deste mundo burguês que merece ser destacado está nas *Cartas filosóficas* sobre as Academias (Carta XXIV). Ele defende a importância da "prática":

Estou bem longe de inferir, com isso, que nos devemos limitar apenas a uma prática cega; mas seria auspicioso que físicos e geômetras unissem, na medida do possível, prática e especulação. Será preciso que tudo o que mais honra o espírito seja quase

Percebe-se, assim, o utilitarismo em Voltaire. O polemista francês cita, inclusive, Jacques Coeur e comenta que este “grande negociante” chegou até a esta posição só com “as quatro regras de aritmética e o bom senso”; enquanto isso “um pobre algebrista passa a vida procurando nos números relações e propriedades espantosas, mas sem utilidade, (...)” (Ibid., p.132). Por isso ao comentar sobre as invenções, ele as associa à vida prática. Invenções que não resultam em algo prático são como “as estrelas que situadas muito longe de nós, não nos dão nenhuma claridade” (Idem).

Outro exemplo no qual encontramos este espírito burguês é seu famoso *Cândido*. O herói segue as ideias de seu mestre, Pangloss. Este último tem uma concepção da história segundo a filosofia de Leibniz: “(...) não há efeito sem causa, (...) tudo está necessariamente encadeado e arranjado para o melhor possível” (VOLTAIRE, 2003, p. 13). As terríveis adversidades por que passa Cândido mostra que as coisas não são tão boas, assim como o futuro se torna uma dimensão imprevisível. O subtexto de *Cândido* indica a possibilidade de uma práxis fundadora em um mundo que não está tão ordenado como indica a filosofia de Leibniz. Por isso o grande tema (a dimensão textual de “dever”) de *Cândido* é o trabalho. Ver, particularmente, uma afirmação de Pangloss no término da obra: “(...) quando o homem foi posto no jardim do Éden, ali foi posto *ut operatur eum*, para que trabalhasse; isso prova que o homem não nasceu para o repouso” (Ibid., p. 162).

Cândido no final de suas aventuras está em uma fazenda. A grande conclusão diante de suas aventuras pelo mundo é que há uma contingência na história. Mesmo com a insistência de Pangloss de que “todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis”, ele complementa: “Isto está bem, (...), mas é preciso cultivar nosso jardim” (Ibid., p. 163). Por isso, *Cartas filosóficas* e *Cândido* são dois exemplos que comprovam a importância da “prática” e do “trabalho” no universo voltairiano; dois termos do novo mundo burguês que se contrapõem a uma visão aristocrática de mundo.

Outra característica importante em Voltaire é o senso histórico. Observa-se no *Tratado sobre a tolerância* um sentido histórico que é inédito e que irá corresponder a uma das características do Iluminismo. Voltaire não deixa de indicar a “liberdade de consciência” como uma das conquistas da época moderna (VOLTAIRE, 2000, p. 29). O passado que mostrava o conflito religioso é concebido por ele como uma era de superstição. Observar, nesta passagem, o próprio espírito do Iluminismo:

O grande meio de diminuir o número de maníacos, se restarem, é submeter essa doença do espírito ao regime da razão, que esclarece lenta, mas infalivelmente, os homens. Essa razão é suave, humana, inspira a indulgência, abafa a discórdia, fortalece a virtude, torna agradável a obediência às leis, mais ainda do que a força é capaz. (Ibid., p. 30).

Passagem importante do *Tratado sobre a tolerância*. Ela nos mostra que a razão é um elemento de integração social, mais eficaz que os próprios valores religiosos. Voltaire comenta sobre a “tranquilidade pública” e o “regime suave”; o que está em vias de

nascimento é a sociedade civil, espaço com um regime de liberdade capaz de promover a paz pública.

O homem tolerante de Voltaire é um ser humano que tem a consciência do poder da razão; ele é consciente de que seu tempo histórico é superior aos tempos pretéritos. Isso implica em dizer que o sujeito moderno do Iluminismo deve se distinguir, como um indivíduo, das instâncias do poder. A prática do indivíduo na sociedade civil é diversa das atitudes do governante. Por isso, o poder constituído não pode mais se apoiar na prática da intolerância: “(...) aplicar o suplício da roda ou da forca, ou condenar às galés pessoas que não são da nossa opinião” (Ibid., p. 103).

### 3 | O HOMEM MODERNO E A BURGUESIA ASCENDENTE

O sujeito moderno de Voltaire não deixa de ser um homem frágil. Ele frequentemente utiliza a metáfora do átomo (ou seja, um ser minúsculo) para se referir ao homem: um “átomo que pensa”. Em uma passagem do *Tratado sobre a tolerância*, Voltaire denomina os homens como “átomos de um momento” (Ibid., p. 123). Aqui, já se pode notar a dimensão temporal em relação ao homem. Então, somos seres pequenos e estamos condicionados pelo tempo histórico. A riqueza desta concepção sobre o homem descortina até a concepção perspectivista desenvolvida plenamente (principalmente por Nietzsche) só no século XIX. Em *Conselhos a um jornalista* (texto datado de 1737) há uma interessante passagem. Aqui, Voltaire comenta sobre a diversidade das histórias, antiga e moderna. Os historiadores antigos não descreveram um mesmo acontecimento de forma diversa, pois “teriam semeado a dúvida sobre coisas que hoje consideramos incontestáveis” (VOLTAIRE, 2006, p. 9). Já os historiadores contemporâneos narram um mesmo tema de forma diversa; ainda mais que “a mesma nação, ao cabo de vinte anos, não tem as mesmas ideias que tinha sobre o mesmo acontecimento e a mesma pessoa (...)” (Idem.). A conclusão de Voltaire se expressa, assim: “Os homens diferem entre si quanto ao estado, ao partido, à religião. O guerreiro, o magistrado, o jansenista, o molinista não veem os mesmos fatos com os mesmos olhos (...)” (Ibid., p. 8, 9). Se observarmos com atenção é a própria concepção de sociedade que se transforma neste século XVIII. A partir desta data surgem os partidos políticos que passam a ser reconhecidos em sua “normalidade”: eles expressam visões (e, conseqüentemente, propostas) diversas sobre o mundo social. Assim, notar que a própria noção de tolerância está intimamente relacionada a esta concepção perspectivista (em relação às imagens de mundo dos indivíduos). A boa sociedade não é mais representada como aquele modelo que se assemelha a um corpo (com seus diversos membros e uma parte superior), ou seja, um modelo integrista. O conflito de visões de mundo torna-se algo “natural” para uma representação social que constata as diversas perspectivas individuais; observar, neste caso, o contraste com aqueles que advogam a *auctoritas* antiga ao conceber o conflito (de ideias) como um

perigo, entendido como uma espécie de “doença” facciosa.

No Capítulo XX do *Tratado sobre a tolerância* (“Se é útil manter o povo na superstição”) Voltaire comenta sobre “a fraqueza do gênero humano”. Iluminismo que funda um novo humanismo, com a concepção de homem como um ser frágil. Esta ideia se relaciona com o conceito de reflexividade, presente no liberalismo que configura o homem como um ser razoável. Assim, o Iluminismo relativiza a concepção de homem ao indicar que a pretensão de verdade não pode se tornar algo absoluto. Nas palavras de Voltaire, “odiar o próximo por suas opiniões” (VOLTAIRE, 2000, p. 116).

Há uma passagem importante no *Tratado sobre a tolerância* que expressa, de forma admirável, a concepção de Voltaire sobre o sujeito. Ele se posiciona como um representante da natureza que se dirige aos homens. Na primeira abordagem da natureza, diz: “Fiz todos vós nascerem fracos e ignorantes, para vegetarem alguns minutos na Terra e adubarem-na com vossos cadáveres” (Ibid., p.136). Já que os homens são fracos, eles devem se unir; como são ignorantes, devem se instruir. E, além do mais, se esses mesmos homens são seres existencialmente precários (eles servirão de “adubo”), devem se tolerar. A natureza ainda acrescenta que se a grande maioria dos homens tivesse a mesma opinião e só um deles uma concepção contrária, mesmo assim esse ser solitário deveria ser perdoado, “pois sou eu [natureza] que o faço pensar como ele pensa” (Idem.). A natureza prossegue, dizendo que deu os braços aos homens para que eles cultivem a terra e um “pequeno lume de razão” para se guiar na vida. Indica que introduziu nos corações humanos “um germe de compaixão para que uns ajudem os outros a suportar a vida”. Assim, é o “germe da compaixão” que reside nos corações humanos que deve ser cultivado. A natureza expressa suas intenções de forma clara: “Não sufoqueis esse germe, não o corrompais, compreendei que ele é divino e não troquei a voz da natureza pelos miseráveis furores da escola” (Idem).

Homem que tem o auxílio da natureza e quando as leis falham só ela pode inspirar a justiça. Como se percebe no *Tratado sobre a tolerância* o sujeito moderno se mostra como um ser tolerante porque é um ser frágil, minúsculo. Há, portanto, dois movimentos que não se dirigem para um mesmo sentido. O primeiro que relativiza a importância do homem; aqui, pode-se comprovar que o humanismo Iluminista é diverso do humanismo grego antigo. Nas palavras de Voltaire, o homem é um átomo que pensa e um ser do momento. Já o segundo movimento indica a dimensão crítica da razão. Neste, visualizamos a gênese das ciências naturais com seu experimentalismo e uma postura racional diante do objeto de conhecimento. Observar em relação a este segundo movimento, a forma como Voltaire trata o tema “história”. Em *O pirronismo da história* há uma denúncia ante a “credulidade imbecil”; ele nos dá um exemplo segundo a obra *Histoire*, de Fleury. Afirma que esta obra pode ser concebida como “volumes (...) repletos desses contos” (VOLTAIRE, 2007c, p. 8). No Capítulo XIII (“sobre Nero e Agripina”) de *O pirronismo da história*, Voltaire comenta:

Todas as vezes que li a abominável história de Nero e de sua mãe, Agripina, fiquei tentado a não acreditar em nada. É do interesse do gênero humano que todos esses horrores tenham sido exagerados; eles envergonham demais a natureza (Ibid., p. 32).

O polêmico pensador cita Tácito para mostrar o comportamento sedutor de Agripina ante seu filho nos banquetes do palácio. Posteriormente, Voltaire acrescenta: “O filho, logo cansado dela, não a teria coberto de opróbrio? Ela não teria sido a execração de toda a Corte?” (Ibid., p.33). Para reforçar sua ideia, cita ainda Fabius Rusticus, outro historiador da época; o juízo crítico de Voltaire é que “nada disso é verossímil” (Ibid., p. 34). Sobre a morte de Agripina, ele se mostra cético ante a narração de Tácito. São vários detalhes que expõe para mostrar a criação imaginativa do narrador. No término deste Capítulo, comenta sobre as atrocidades que se narram sobre os príncipes asiáticos: “Os viajantes dão livre curso a tudo o que ouvirem dizer na Turquia e na Pérsia” (Ibid., p. 36). Observar, então, a postura crítica de Voltaire diante dos textos que eram considerados como narrativas históricas; para ele trata-se de “histórias mescladas de fábulas (...)” (Idem).

No Capítulo XVI (“Sobre difamações”), Voltaire realiza um estudo sobre as condições de produção do discurso histórico. Em primeiro lugar, denuncia a distorção dos “fatos”: “Se uma mulher tem dois ou três amantes, logo atribuem-lhe centenas. (...) [E] os historiadores contemporâneos não deixam de repetir essas mentiras; (...)” (Ibid., p. 42). Por que isto ocorre? Ele afirma que muitos homens não são razoáveis; por isso “o público prefere as fábulas (...)” (Ibid., p.43). Diante desta abordagem crítica, pode-se interrogar: que tipo de história seria mais apropriada para Voltaire? Ele comenta que deveria ser uma história que mostrasse “os direitos dos povos”, assim como “as leis segundo as quais cada pai de família pode dispor de seus bens”. Enfim, deveria ser uma narrativa de “acontecimentos que interessam a toda a nação”, como “os progressos das artes úteis e os abusos que expõem continuamente a maioria à tirania da minoria (...)” (Idem). Eis o sentido da história que se deveria mostrar, ou seja, algo “tão difícil quanto perigosa”; já a história que se produziu trata-se de “distração” e não de “um estudo”.

Essas obras de Voltaire, como *O pirronismo da história* e *A filosofia da história* são exemplos que comprovam como o estudo da história se transforma na era do Iluminismo. A história, agora, já recebe um tratamento segundo uma linha evolutiva. Quando Voltaire se refere aos romanos antigos, faz uma série de objeções à sua índole imperialista; mas no decorrer do tempo, eles se civilizaram: “Amar a pátria era matar e despojar outros homens; mas no seio da república houve virtudes. Os romanos, civilizados com o tempo, civilizaram todos os bárbaros vencidos e se tornaram, por fim, os legisladores do ocidente” (VOLTAIRE, 2007a, p. 216). Um intelectual que se vê como moderno ao olhar para a Roma antiga, não deixa de expressar certa ironia; Voltaire indica que lá havia uma deusa, Pertunda, que simbolizava as “galinhas sagradas” e a deusa Cloacina, das cloacas. Então, trata-se de uma época que cultivava “uma multidão de superstições”. Em sua reflexão, esse período antigo mostra uma “razão inicial e errônea” (Ibid., p. 217). É a própria razão

que fundamenta o juízo e que, conseqüentemente, mede o grau de civilização de uma época. Também é a mesma razão que dissipa as superstições.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando Slavoj Zizek no final de *A visão em paralaxe* comenta sobre o tema dos “direitos humanos”, não deixa de compartilhar da desconfiança dos marxistas ante o modelo de emancipação política que nasce na era das revoluções políticas da burguesia. Ele se interroga, nesses termos: que sentido há nesta “ideia” (dos direitos humanos) se na vida prática o homem está expropriado de sua humanidade? O mesmo Zizek na obra *Em defesa das causas perdidas* acentua que a necessidade histórica foi utilizada para se justificar um devir do nascimento da humanidade. Eis a grande diferença entre esses dois modelos que configuram tanto a humanidade, quando a figura do homem. No Iluminismo tal modelo está fundado, posto em sua racionalidade. Voltaire comenta em *A filosofia da história* que “Deus nos deu um princípio de razão universal, como deu penas às aves e pelagem aos ursos; (...)” (VOLTAIRE, 2007a, p. 63). Em *Dois tratados sobre o governo*, Locke enfatiza que o homem em estado de natureza já é livre. Kant na *Crítica da razão prática* acentua a “liberdade enquanto propriedade de um ser inteligível, (...)” (KANT, 2016, p. 96). Nesses autores há uma universalidade em torno das noções de homem e de humanidade. Tal universalidade tem sua história mais imediata no advento do estoicismo e do cristianismo. Quando Tzvetan Todorov estuda a relação dos invasores espanhóis com os índios da América, não deixa de enfatizar essa universalidade presente no cristianismo dos invasores. O debate que Todorov reproduz em sua interpretação é realizado entre Gines de Sepúlveda e Bartolomé de Las Casas. O primeiro, aristotélico, defende uma concepção hierárquica ante o julgamento sobre a “natureza social” dos índios; já este último defende o universalismo cristão. Para Las Casas, “todos, sem exceção, podem tornar-se cristãos: as diferenças de fato não correspondem a diferenças de natureza” (TODOROV, 1993, p. 158). Na reflexão de Todorov, “a hierarquia é irreduzível nesse segmento da tradição greco-romana, assim como a igualdade é um princípio inabalável da tradição cristã; (...)” (Idem). Então, a fundamentação cristã permite a Las Casas defender a igualdade dos índios ante os dominadores; para Todorov, “já que o cristianismo é universalista, implica uma in-diferença essencial de todos os homens” (Ibid., p. 159). Do cristianismo ao Iluminismo a noção de universalidade da representação sobre o homem seculariza-se. Em Kant ela torna-se transcendental; em Locke e Voltaire, ampara-se no elemento natural. A gênese do sujeito moderno implica na fundação de princípios positivos em torno do homem; já o mundo terreno é recuperado (diante de seu antigo estatuto de danação) em Locke e Voltaire; ele se transforma em um campo no qual há a possibilidade de humanidade, ainda que lenta.

Voltaire é um bom exemplo de pensador que possui a consciência de ser “moderno”. Falecido em 1778, ele não presencia a grande Revolução Francesa de 1789. Mas em contraposição, conhecia a Inglaterra. Neste país, desde o final do século XVII a burguesia já introduz um regime parlamentarista, derrubando a monarquia absoluta. Por isso o mundo voltairiano não é só devir: na Inglaterra ele era uma realidade. Quando Voltaire comenta sobre Newton, enfatiza que ele teve duas felicidades. A primeira de “ter nascido num país livre”; a segunda de viver “numa época em que, banidas as impertinências escolásticas, apenas a razão era cultivada (...)” (VOLTAIRE, 2007b, p. 62). Aqui já temos o próprio espírito do Iluminismo nesse elogio ao físico inglês. Por isso se o Renascimento corresponde a um período de crise e incertezas, no Iluminismo já há um fundamento em torno do sujeito moderno. E para a efetivação desse fundamento, sem dúvida, é necessário se lembrar de Voltaire.

## REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Tradução de Monique Hulshof. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2016.

LOCKE, John. **Dois tratados sobre o governo**. 2ª Ed. Tradução de Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 2005

STONE, Lawrence. **Causas da Revolução Inglesa – 1529-1642**. Tradução de Modesto Florenzano. Bauru: EDUSC, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução de Beatriz P. Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

VOLTAIRE. **A filosofia da história**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2007a.

\_\_\_\_\_. **Cândido**. Tradução de Maria E. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cartas filosóficas**. Tradução de Márcia V. M. de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2007b.

\_\_\_\_\_. **Conselhos a um jornalista**. Tradução de Márcia V. M. de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. **O pirronismo na história**. Tradução de Márcia V. M. de Aguiar. São Paulo: wmf Martins Fontes, 2007c.

\_\_\_\_\_. **Tratado sobre a tolerância**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ZIZEK, Slavoj. **A visão em paralaxe**. Tradução de Maria B. de Medina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. **Em defesa das causas perdidas**. Tradução de Maria B. de Medina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

África 114, 115, 117, 119, 123, 124, 129, 130, 163

Annales 9, 63, 96, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 124

Autoridade 1, 26, 28, 66, 129, 130

### B

Bakuba 114, 117, 119, 120, 121

Baluba 114, 119, 120, 121

Biografia 61, 64, 70, 105, 111

Bonpland 58, 61, 62, 63

Brasil Industrial 7, 9, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 182

### C

Casamento 1, 2, 3, 5, 6, 7, 10

Cidadania 7, 9, 28, 31, 66, 76, 81, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95

Colonização 7, 8, 1, 2, 13, 100, 105, 141, 142, 143, 151

Cultura Política 64, 65, 73

### E

Eduardo Suplicy 7, 9, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Esquecimento 8, 44, 58, 59, 60, 61, 63, 75, 77, 83, 137

Europa 3, 23, 24, 25, 27, 30, 31, 32, 33, 34, 51, 62, 81, 98, 99, 101, 108, 129, 130, 154, 155, 163

### F

Fábrica 73, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 181, 182

Família 1, 2, 5, 6, 10, 17, 50, 51, 55, 65, 91, 92, 121, 122, 148, 151, 161, 174

Famílias Livres 8, 12, 15, 18, 20

Frederick Starr 7, 9, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 124

### G

Gastronomia 9, 153, 160, 163, 164

Gustavo Barroso 7, 8, 64, 68, 72

### H

História 2, 7, 1, 10, 14, 21, 26, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 78, 80, 82, 85, 86, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105,

106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 116, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 153, 154, 157, 159, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 177, 182, 183  
Historicismo 9, 96, 97, 99, 102, 103, 109, 111

## I

ideal ascético 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47  
Identidade 9, 26, 30, 31, 64, 65, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 82, 83, 84, 94, 96, 105, 137, 140, 146, 150, 168, 170, 181  
Iluminismo 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 154  
Integração 8, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 52, 83, 89, 142  
Intelectual 9, 49, 50, 55, 68, 69, 86, 87, 88, 89, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 105, 107, 109, 110, 112, 127, 133, 134, 155, 161

## L

Lei 7, 8, 6, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 61, 79, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 142, 148, 160, 168

## M

Memória 7, 8, 8, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 106, 153, 164, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 177, 181  
Mestiçagem 1, 6, 7, 8, 9  
Militares 32, 64, 68, 70, 81, 83, 148

## N

Nacionalismo 7, 64, 67, 72, 151  
Nada 6, 16, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 47, 48, 55, 122

## O

Ocupação Territorial 12, 20, 141

## P

Paracambi 7, 9, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 181, 182  
Patrimônio 9, 13, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 85, 116, 125, 126, 127, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 177, 181  
Pobres 7, 8, 12, 15, 16, 18, 20, 21, 89, 155, 156

## Q

Querer 35, 38, 39, 40, 41, 47, 48, 136

## R

Razão 4, 5, 36, 39, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 65, 73, 87, 94, 101, 155

Recife 7, 9, 12, 85, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165

## S

Senador 7, 9, 86, 87, 90, 91, 92, 93, 94

Sérgio Buarque de Holanda 7, 9, 96, 98, 99, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112

Sociabilidades 9, 65, 86, 88, 124, 153, 160, 161, 162, 163, 164

Sociedade Civil 34, 49, 51, 53, 89

Sufrimento 7, 8, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47

## T

Tempo 8, 2, 10, 14, 15, 21, 44, 51, 53, 55, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 77, 97, 99, 101, 106, 107, 112, 117, 120, 126, 135, 138, 140, 150, 154, 158, 162, 168, 169, 170, 172, 173

Terras 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 79, 98, 103, 115, 119, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 137, 138, 141, 142, 143, 144, 148, 149, 158, 169

Tolerância Religiosa 49

## U

União Europeia 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34

## V

Voltaire 7, 8, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57

Vontade 4, 27, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 99

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**